

FRANCISCO KAZUHICO TAKEDA: Geólogo, Amigo e Colega (Homenagem Póstuma)

Paulo Fernando Lago*

O Sol estava nascendo. Era madrugada do dia 17 de agosto de 1994, quando uma notícia foi chegando aos lares onde moradores, em vigília, apreensivos mas esperançosos, aguardavam o resultado de uma operação cirúrgica que se realizava no Hospital Cardiológico Regional de São José.

A comunicação, partida do Dr. Max Capella, foi a que não se queria ouvir. O Francisco Takeda de todos nós, amigos e colegas do Departamento de Geociências, havia dado sua última despedida, no instante que antecedeu ao ato cirúrgico: Um "*Até depois*", acompanhado de um sorriso, foi o que disse à irmã, Michi, na noite do dia 16. Ia ser encaminhado para a mesa operatória. Seu dadivoso coração estava lesionado e, apesar de ter recebido duas pontes de safena e suturada a lesão, cessou de bater, enquanto ele ainda estava sob os efeitos da anestesia. Funcionara, não sem algum percalço, durante quase 65 anos.

Seu registro de nascimento assinala ter sido em Santos, a 26/12/1929. Tinha, pois, 64 anos, dos quais 38 foram vividos na também litorânea, pluviosa e ensolarada Florianópolis, de muitos peixes, crustáceos, praias, sobretudo, de muitos amigos que conquistou.

Seus primeiros estudos foram feitos em São Paulo, para onde veio morar a família do *Oditian*, Yoshinobu Takeda, médico prestigioso e estimado

*Professor do Curso de Mestrado em Geografia da UFSC.

que imigrara para o Brasil, integrando-se em programas de assistência a colonos japoneses, pioneiros das levas de operosa gente que tanto têm contribuído para o desenvolvimento da nação brasileira.

Sua graduação, em História Natural, foi na Universidade de São Paulo, tendo servido o Exército, no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva - CPOR, um corpo especial para bons alunos de 2º Grau e das faculdades.

Foi, logo em seguida, em 1956, convidado para integrar o Departamento de Geografia da Faculdade Catarinense de Filosofia, que se improvisava nas dependências de antigos prédios das ruas Esteves Jr. e Almirante Lamego. Integrou-se, também, no Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, então num casario da rua dos Ilhéus, bem pertinho do teatro Álvaro de Carvalho. Nesta instituição permaneceu ao longo de mudanças administrativas, mas sempre com funções ligadas à pesquisa geológica e tratamento de fotografias aéreas para modernização cartográfica do Estado de Santa Catarina.

A contribuição intelectual de Francisco Takeda foi, segundo avalio, mais destacada no campo da tecnologia cartográfica do que mesmo no campo da Geologia, ainda que a ela sua afeição fosse enorme, sobretudo para a Geologia Estrutural. Takeda foi um dos principais responsáveis pelos avanços permitidos pelas informações da aerofotogrametria, participando não somente da revisão de mapas estaduais no Departamento de Geografia e Cartografia como também ministrando cursos de fotointerpretação para técnicos de outros setores governamentais, estaduais e municipais.

Percorremos, eu, ele e Hélio Lange muitos quilômetros de precárias estradas, ainda nos anos cinquenta, mal acomodados num já gasto jeep, que freqüentemente era derrotado pelos lamacentos trechos. Takeda ia sempre munido de pacotes de fotos aéreas, fazendo controle de campo para posteriores ajustamentos cartográficos. Somente não o fazia em todo o trajeto, pois não resistia à incrível façanha de dormir, vez por outra, como tranqüila respostas aos solavancos do tosco veículo.

Sua familiarização com as questões ligadas às fotografias aéreas foi constante. Teve, mais tarde, um encontro com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, em São José dos Campos, onde colheu novos subsídios para orientar e divulgar o acervo que já possuía.

O advento da "era das imagens de satélites" em Santa Catarina já encontrou Francisco Takeda, todavia, à beira de suas aposentadorias, no Estado e na Universidade Federal. Mas, um dos ambientes que mais lhe prendia, em seus últimos anos, era o LARS, Laboratório de Sensoriamento Remoto, onde desfrutava da amizade, carinho e respeito de técnicos e estagiários. Tanto que

lhe fizeram singela e espontânea homenagem: Batizaram a biblioteca do LARS com seu nome.

Takeda, seguindo a orientação de que nem só do pão vive o homem, teve outros amores, além dos ambientes de trabalho, na UFSC e em repartições do Estado. Um deles foi o atletismo. Quando o conheci, nos meses iniciais de 1958, anos antes de se tornar meu compadre e já como amigo de todas as horas, ele se apresentava muito mais como um orgulhoso japonês do que como descontraído brasileiro. Outros colegas da Geografia concordavam e o comparavam ao irmão Ignácio, geógrafo, afável, desinibido, bem mais aberto e comunicativo que o segundo dentre os quatro irmãos, filhos do eminente Dr. Yoshinobu.

Francisco Takeda parecia um solitário, fechando-se em seu empoeirado gabinete, com as rochas que ia coletando, com as anotações que fazia, muito mais sob o abrigo do silêncio do que das telhas do velho prédio, permeável as "lestadas" insólitas. Takeda parecia gravitar em torno de si mesmo, carregando o exemplar da revista "Time", sempre dobrado, para o ler a qualquer momento, mesmo em reuniões com os colegas. Lia o "Time", por interesse e para fugir ao tédio circunstancial.

Mas, Santa Catarina estava iniciando seus Jogos Abertos e, quase de repente, o enclausurado Francisco Takeda encontrou, pelo amor ao atletismo, uma avenida de relações sociais. Logo estava ele, envolvido com aficionados do atletismo, cronometrando, em Brusque, o tempo dos fundistas, as marcas dos lançadores de discos, a altura dos saltos dos atletas amadores. Em verdade, encontrava amigos e reencontrava sua juventude, quando participava de competições atléticas, principalmente de natação. Atreveu-se, inclusive, a disputar a famosa Corrida São Silvestre.

O jovem Francisco não foi bem nesta maratona, que desafia pernas e corações. Extenuado, foi examinado por seu pai, Dr. Yoshinobu Takeda, que constatou um sinal preocupante nas condições do coração do filho. Daí em diante, Francisco Takeda moderou seu entusiasmo como participante de competições, mas manteve seu interesse pelo atletismo, exultando-se com as proezas dos recordistas, com o desempenho de jogadores.

Dentre os amigos florianopolitanos, os mais estáveis se tornaram os que praticavam a "caça submarina", os arpoadores de garoupas, meros, badejos e lagostas. Tornou-se um dos mergulhadores, de duvidosa eficiência mas de indiscutível e disciplinada assiduidade. Incorporou-se ao "grupo Laudares" e, também, à "casa Laudares", um ambiente familiar em Ponta das Canas que sempre foi, para ele, um santuário, como o foram a "casa Aquino" e, creio, a minha própria e a de muitos outros colegas do Departamento de Geociências.

A canastra e o poquer eram outra paixão, mas nos limites de rituais domésticos, como sadio lazer, puro entretenimento e não como jogatina. Como canastrero meu testemunho será omissivo, embora possa assegurar que jamais tenha burlado, sorrateiramente, um único ponto na contagem, procedimento habitual de quase todos os jogadores, discípulos rebeldes de Pitágoras. Como jogador de poquer posso assegurar que foi o mais singular que conheci. Simplificava tudo em busca de *flushes*. Não sei por que, as cinco cartas do mesmo naipe possuíam, para ele, um fascínio transcendental. Duas desconstruídas cartas de copas eram suficientes para pedir mais três, na remota esperança de fechar um jogo. Apostava, sempre, no *escuro*, sem saber o que tinha na mão. Às vezes ganhava, sem jamais ter blefado. Divertia-se com o sucesso, tanto quanto com o fracasso nas jogadas.

Por que estamos falando de baralhos, quando devíamos nos prender ao significado do Francisco Takeda, como professor de Geologia, de Fotointerpretação, como colega num Departamento da Universidade Federal de Santa Catarina?

A resposta, acredito, reside no fato de que estamos falando de uma pessoa que, em vida, foi sempre própria, peculiar e sutil em sua maneira de ser. Marcava-se pela presença, por um padrão específico de atitudes e constante pela forma de agir como um mensageiro da tranquilidade, generoso com todos, sorridente para todos, quieto no seu canto, quieto no canto dos outros e sempre participativo, quando lhe convinha e convinha a todos. Disposto a dar, disposto a aceitar, conduzindo-se pelo equilíbrio nesta receita de viver bem, consigo e com todos. No poquer, na pesca submarina, nas churrascadas, Francisco Takeda era inconfundível, imprevisível para os leigos, previsível e sempre acatado para os íntimos.

Assim o foi, nos ambientes de trabalho, no convívio social, nos momentos de lazer.

No crepúsculo do dia 17 de agosto de 1994, Francisco Kazuhico Takeda foi sepultado no cemitério Jardim da Paz, em Florianópolis, na presença de muitas centenas de pessoas que depositaram flores e lágrimas.

Recebi, um mês depois, carta de sua irmã, comunicando-me sobre as homenagens póstumas prestadas a ele e a sua pai, falecido há um ano, em comovente ato religioso na Igreja Sul Americana, em São Paulo, em que foram rememorados episódios que ele viveu em sua infância, em sua juventude e em Florianópolis. Em sua carinhosa correspondência, escreveu Michi:

- *"Minha sensação é a de que ele continua aí, tranquilo e feliz; na verdade, ele está aí com seus irmãos de coração".*